

Intervenção da Senhora Presidente da ERC, Helena Sousa

Sessão de Encerramento da VIII Media Ethics Conference, a 12 de julho de 2024, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

**‘Ética, Jornalismo e Inteligência Artificial:
Para além dos imaginários utópicos e distópicos’**

Caro Prof. Carlos Camponez,

Caro Prof. Hugo Aznar,

Cara Prof^a Inês Amaral,

Caras e Caros Investigadores, Professores e Congressistas

Caros Colegas e Amigos,

Dá-me uma grande alegria estar aqui hoje convosco. Agradeço o convite que me foi dirigido há muito tempo, pelo Prof. Carlos Camponez, ainda sem sabermos que estaria aqui enquanto Presidente da ERC.

Mas é como Presidente da ERC que tenho o prazer de estar hoje convosco e é também nesta qualidade que felicito a organização deste congresso, pelo tema, pela qualidade dos participantes e dos trabalhos.

Possivelmente aqui todos sabem que o Jornalismo foi a minha primeira profissão e será, durante todo o mandato na ERC, uma das principais preocupações não apenas minha mas de todo o Conselho Regulador.

O contributo para a promoção da qualidade do Jornalismo é, aliás, um dos Dez Eixos Estratégicos propostos pelo atual Conselho Regulador para o

mandato (até 2028) e que apresentámos anteontem na Assembleia da República e que está, desde ontem, em Consulta Pública, no *site* da ERC.

O Jornalismo é um bem essencial. Não devia ser preciso dizê-lo mas é. É preciso dizer e é preciso repetir. Não é possível vivermos em comunidade, respeitando-nos a nós próprios e aos outros, sem jornalismo de qualidade, sem jornalismo independente, rigoroso e socialmente relevante. O jornalismo diz o mundo, e dizendo-o constrói-o.

O jornalismo é um discurso sobre a vida e sobre o mundo. O Jornalismo parte desta ideia, talvez simples, de que é possível recortar o real e dar-lhe uma forma, através da palavra, sons e imagens, criando aquilo a que chamamos géneros jornalísticos: a notícia, a reportagem, o documentário, a entrevista, entre outros.

Mas o Jornalismo não diz apenas o mundo, não o apresenta, não o narra somente: o jornalismo desempenha também a função de auscultação e de encontro de vozes. Cria espaços de cidadania, onde as pessoas podem livremente expressar as suas opiniões e podem ser escutadas, com respeito pela diferença. Ser escutado é a essência do diálogo e do encontro. Há quem chame 'Fórum' a esta função do jornalismo, havendo até, no contexto nacional, um programa de longa data com esta designação, o Fórum TSF.

Relatar o mundo e ser ponto de encontro são funções de uma enorme exigência profissional. Ainda assim, desde que o jornalismo se profissionalizou (estamos a falar vagamente de um século), há ainda uma

outra função vital para a vida democrática: o exercício da vigilância dos poderes, de todos os poderes, sem exceção.

Até ao final do século XX, os cidadãos interessados na informação sobre as suas comunidades, os seus países e o mundo precisavam do jornalismo e estavam dispostos a pagar por este bem precioso e insubstituível.

A partir do início deste novo milénio, a comunicação digital foi fazendo o seu caminho e fez estremecer as fundações da relação do jornalismo com os seus públicos. Os cidadãos foram encontrando espaços alternativos para trocar informação, para comunicarem digitalmente, sem precisar dos jornalistas para terem voz no espaço público.

Com a amplificação das vozes, quebrou-se o monopólio da mediação jornalística e proliferaram as mediações tecnológicas não profissionais. Era então o tempo da promessa, a promessa da democratização da palavra.

Com a fragmentação, com a dispersão da atenção, o Jornalismo foi perdendo, em larga medida, o interesse dos anunciantes e a base económica que o sustentava. A palavra 'crise' começava então a ter um sentido existencial.

Em pleno século XXI, com *sites* e *blogues*, os políticos, as instituições, as empresas, os anunciantes foram criando os seus próprios canais para o desenvolvimento de uma relação direta com as pessoas.

Os órgãos de comunicação social foram perdendo os seus modelos de negócio, as redações foram perdendo os seus profissionais e, assim, se foi perdendo a densidade e a memória.

A situação, já difícil para o jornalismo, viria ainda a complicar-se com o desenvolvimento dos grandes intermediários digitais, as chamadas ‘Big Tech’ ou plataformas digitais.

Google, Facebook, Instragram, Tik Tok, entre outras plataformas, dispersaram ainda mais a atenção do jornalismo e drenaram os poucos recursos que o sustentavam. Produzia-se aí conteúdo de interesse público nessas plataformas? Não era essa a lógica. Mas a publicidade que sustentava a informação deslocou-se para as plataformas, para o lugar da atenção.

As promessas da internet democrática e libertadora não se cumpriam e as grandes esperanças de democratização do espaço público foram caindo, com a identificação de manipulação de atos eleitorais, com a circulação de conteúdos tóxicos, de campanhas de desinformação e outros fenómenos que não qualificavam as esferas públicas democráticas.

As lideranças europeias, ocupadas com inúmeras dificuldades internas, permitiram o agigantamento das plataformas digitais, deixando os cidadãos europeus à mercê de algoritmos opacos e de arquiteturas de rede que não poderiam compreender. Ficou o próprio Jornalismo e os serviços público de média a depender, em parte, das ‘Big tech’ para chegar aos seus públicos, sem verdadeiras alternativas de serviço público para a distribuição dos seus conteúdos.

Avança-se, neste momento, na Europa, com lei sobre lei, para limitar danos, sendo óbvio que estes gigantes são de difícil controlo democrático.

Longe de estarem resolvidas estas dificuldades que o Jornalismo enfrenta, é hoje sobre a inteligência artificial que as atenções se voltam.

Estando certa de que neste congresso foi feito um trabalho profundo de complexificação do fenómeno, sabemos que a inteligência artificial suscita agora todos os medos e todas as esperanças.

Os discursos oscilam entre o otimismo e a catástrofe, entre a ideia de progresso e a ideia de disrupção profissional, entre a utopia e a distopia. Os discursos sobre a inteligência artificial replicam frequentemente o otimismo e o catastrofismo que emerge com todas as novas tecnologias ou quando aceleram as tecnologias que existem, como é o caso da chamada inteligência artificial que não é fenómeno novo.

Reconhecendo os riscos e as potencialidades, a inteligência artificial é hoje utilizada no Jornalismo, acelerando a produção de conteúdos, automatizando procedimentos, recolhendo e tratando grandes quantidades de dados. Em tese, esta utilização da inteligência artificial agiliza o trabalho jornalístico, libertando as redações para tarefas editoriais mais exigentes, em que o processo de decisão é intrinsecamente humano.

Mas há preocupações legítimas com a transparência da sua utilização, com a propriedade dos conteúdos usados para treinar as ferramentas de inteligência artificial, com a qualidade dos dados usados para o treino das

ferramentas, com enviesamentos de género e raciais, com o reforço de estereótipos, com a produção de conteúdos que manipulação voz e imagem.

Sendo construída e usada por humanos, a inteligência artificial, como todas as tecnologias em todas as áreas, pode ser bem utilizada ou mal utilizada. Pode ajudar a fazer bom Jornalismo e pode prejudicar a qualidade do trabalho editorial.

O que importa então verdadeiramente quando falamos de jornalismo e de inteligência artificial? Na leitura que faço, o que verdadeiramente importa são as condições para o exercício da profissão, com as suas regras e com os seus códigos, e exigência dos profissionais consigo próprios, no quadro das redações e na relação com os cidadãos.

O que verdadeiramente conta é a reflexão ética e a capacidade de garantir que essa exigência se traduz no trabalho jornalístico. O que verdadeiramente importa é a independência editorial, a capacidade de agendar o que importa para as pessoas que o jornalismo serve, a capacidade de recolher, com rigor, os elementos noticiosos, a tenacidade para ouvir sempre as partes interessadas.

O Jornalismo não deixa de ser Jornalismo por termos mais ferramentas, mais tecnologia.

A inteligência artificial não pode ser mais uma suposta 'inovação tecnológica' que nos descentre do essencial.

O essencial é garantir que temos jornalistas, redações e órgãos de comunicação social desempenhando bem as funções nucleares do jornalismo: dizer o mundo, construindo-o através da palavra, do som e da imagem; gerar espaços de encontro de vozes diversas e de vigilância de todos os poderes.

Se este núcleo central de funções for defendido com a exigência ética que a profissão exige, o Jornalismo continuará – com muitas dificuldades, é certo - resiliente às múltiplas crises que enfrenta e quem sabe, os cidadãos reconhecerão o seu valor para a construção de um futuro democrático e exijam, de forma mais assertiva, os seus direitos informativos que são também direitos culturais.

É a ética que distingue o jornalismo de outros discursos sobre a realidade. E as questões éticas colocam-se no quadro da utilização da inteligência artificial no jornalismo, colocam-se na escolha e no desenvolvimento das ferramentas utilizadas para cobertura dos mais diversos temas mas também se colocam ao nível da **cobertura jornalística sobre a própria inteligência artificial**.

O que está a mudar com a sua utilização nas diversas esferas (saúde, educação, política, economia, justiça)? Como está a mudar? O que significa esta aceleração na geração de resultados? Quais são as grandes empresas de inteligência artificial? Como operam? Que dados são usados para treinar modelos de inteligência artificial e para gerar conteúdos?

Que mecanismos de controle ético e deontológicos estão em vigor no desenvolvimento das ferramentas de inteligência artificial que disponibilizam ao mercado? Qual a qualidade do quadro legislativo e regulador? Que implicações para o mundo do trabalho, em geral, e não apenas no jornalismo? São muitas as questões e é necessário enunciar...

Que concepções de mundo revela a utilização da inteligência artificial? Que implicações em termos de recursos energéticos e custos ambientais? Que mudanças estão verdadeiramente em curso? Que continuidades importa preservar?

O Jornalismo, tal como as outras profissões, recorre às ferramentas disponíveis, na expectativa de um melhor desempenho. Mas compete ao Jornalismo interrogar as ferramentas que utiliza e as lógicas subjacentes, compete ao Jornalismo explicar o que significa a inteligência artificial e que visão de mundo incorpora esta tecnologia?

É mesmo ao Jornalismo que compete interrogar, investigar e explicar o mundo em que vivemos, definindo a agenda, escolhendo **o que** vai cobrir e **como** o vai fazer, enquadrando e verificando os factos, recentrando o Jornalismo no que verdadeiramente importa.

O compromisso do jornalismo é com as pessoas. Serve os cidadãos e a democracia.

Muito obrigada, uma vez mais pelo convite!